

4

# ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº4 | 2º semestre | 2007

*Edição especial 20 anos  
Volume I*

# **ESEG INVESTIGAÇÃO**

**Revista Científica  
da  
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 4 | 2º Semestre | 2007

**Título:** ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume I

**Coordenação Editorial:** Joaquim Manuel Fernandes Brigas

**Coordenador Científico:** Júlio Pinheiro

**Comissão Científica:** Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

**Edição:** Escola Superior de Educação da Guarda

**Capa:** Humberto Pinto

**Coordenação Gráfica:** Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

**Colaboração:** Jandira Medina

**Tipografia:** Marques & Pereira (Guarda)

**Depósito Legal:** 220917/04

**ISSN:** 1646-1193

**Tiragem:** 2000 exemplares

**1ª Edição:** 2º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 \* 6300-559 Guarda \* Telefone: 271 220 135 \* Fax: 271 222 325 \* [www.ese.ippg.pt](http://www.ese.ippg.pt)

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

# Índice

Nota de Abertura <i>Joaquim Brigas</i>	7
Prefácio <i>Júlio Pinheiro</i>	9
“As palavras ainda se apagam diante do invisível” Rainer Maria Rilke e Cecília Meireles: notas de investigação <i>Maria José Craveiro</i>	17
Renan e Eça de Queirós <i>Vie de Jesus e A Relíquia</i> <i>Júlio Pinheiro</i>	33
Ensaio sobre a Cegueira <i>ou</i> a metáfora do mundo em que vivemos <i>Ricardo Antunes</i>	49
Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa <i>Mário Meleiro</i>	69
Fernando Pessoa e o Iberismo <i>José Luís Lima Garcia</i>	81
A imprensa regional ao serviço de uma causa: o jornal <i>A Guarda</i> e o processo de acolhimento dos “retornados” <i>Nelson Oliveira</i>	87
O uso das fontes na imprensa generalista <i>Regina Gouveia</i>	113
Análise do “ <i>uso de recursos</i> ” nos manuais escolares portugueses e moçambicanos <i>Rosa Branca Tracana, Cláudia Ferreira, Maria Eduarda Ferreira &amp; Graça S. Carvalho</i>	133

---

Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007	149
<i>Mário Cameira Serra &amp; Nuno Serra</i>	
<hr/>	
El Juego como medio transmissor de valores en la educación primaria	169
<i>Eduardo Álvarez del Palacio</i>	
<hr/>	
Enamoramento e Amor	183
<i>Filomena Velho</i>	
<hr/>	
A policromia e a pintura ilusionista na Praça e Vila de Almeida (séculos XVII a XX)	193
<i>Augusto Moutinho Borges</i>	
<hr/>	
Estratégia das Empresas na Era da Globalização	211
<i>Maria Filomena Ribeiro Ventura Gomes</i>	
<hr/>	
Do autismo à palavra: a importância do “Não”	231
<i>Isabel Maria Morais de Sousa Portugal</i>	
<hr/>	

## Nota de Abertura

A revista *ESEG Investigação* nasceu fruto da cooperação de um trabalho longo e amadurecido por um plano de acção sustentado, levado a cabo por uma equipa digna do maior respeito e admiração. Por isso, mais uma vez se apresenta, nesta edição especial 20 anos, dando lugar a uma série de reflexões científicas, subscritas por professores e investigadores de comprovado mérito.

Ao completar 20 anos de existência, a ESEG orgulha-se pelo trabalho desenvolvido, e que nas páginas destes dois volumes, apresentados pela ocasião do seu aniversário, se submete ao rigoroso escrutínio público da comunidade científica e académica, dando à estampa mais uma série de artigos que hão-de, certamente, merecer a aplauso geral.

Paralelamente a esta iniciativa, a ESEG entrou no novo ano lectivo com a certeza de que poderá enfrentar os desafios do processo de Bolonha com todos os recursos de que carece para a sua afirmação como escola de prestígio. A saber: uma revista científica, constituída com repositório da investigação do que melhor nela se produz; uma carteira de protocolos com as mais prestigiadas instituições de ensino superior, tendo em vista a oferta de formação avançada, quer ao nível de pós-graduações, que ao nível de mestrados; um conjunto de parcerias com centros de investigação, que têm por objectivo o desenvolvimento de projectos comuns multitemáticos, em rede com instituições públicas e privadas; contratos

em regime de consórcio com instituições nacionais e internacionais, visando a concretização de projectos pré-seleccionados, e de indiscutível interesse para a sociedade civil...

Por tudo isto e pelo demais, que não se justifica ser relevado neste campo, a ESEG enfrenta o futuro com confiança. Assume o compromisso de, nestas páginas, continuar a oferecer aos investigadores um contributo um espaço à investigação científica, que orgulhe os que nelas colaboram.

Numa época em que só os melhores têm lugar garantido, e só a excelência consegue fazer a diferença, a nossa promessa será sempre a certeza do dever cumprido, e a honra de humildemente caminhar lado a lado com os que apostam em fazer do nosso país um espaço de saberes genuinamente reconhecido.

*Joaquim Manuel Fernandes Brigas*  
*Director da ESEG*

## Querido Leitor

Dirijo-me a si «querido leitor», como fazia António Vieira e mais recentemente Miguel Torga nos últimos livros que publicou. O adjectivo «querido» com intenso e profundo valor semântico adquire ainda maior intensidade quando anteposto ao substantivo. Deixa de ser meramente informativo para se tornar performativo, pois realiza no coração o que significa.

Ao escrever este prefácio, sinto a grande dificuldade inerente a tudo o que começa. Eduardo Theirs na sua «Introdução» às *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes conta que estando sentado à mesa de um café chega um amigo que lhe pergunta o que faz. A resposta foi imediata: «Devo fazer uma introdução o que não é nada fácil». E acrescentava que para essa dificuldade contribuía a necessidade de se misturar o necessário com a incitação para que o leitor trabalhe e obtenha o maior prazer por sua conta. Terminava notando que se deve ensinar o oculto para que o leitor investigue por si mesmo.

No entanto esta introdução tem que seguir um outro caminho, pois procura atingir o real, o objectivo, a acção, a própria vida. É sobretudo o momento para uma reflexão aprofundada, partindo do passado por uma perspectiva de futuro

Com essa finalidade vou tentar salientar o valor da revista, logo a sua necessidade. Abordarei depois algumas das maiores exigências, dificuldades e preocupações que provoca uma publicação deste tipo. Afirmo desde já que não olho só para o passado. O que me interessa é o presente, pois, como diz Santo Agostinho, o passado e o futuro só existem enquanto presente.

## Valor e necessidade

Qualquer estabelecimento de ensino superior tem necessidade de uma revista que se apresenta como um testemunho, uma oportunidade, uma memória.

Antes de mais é um testemunho do esforço realizado, do trabalho pessoal e colectivo, do interesse sentido, enfim da capacidade e do valor dos que nela escrevem. É por isso que é também uma oportunidade, sobretudo para os mais novos que iniciam o percurso de uma docência que se pretende um serviço e uma realização pessoal. Nem sempre é fácil publicar os resultados da investigação, pois nem sempre as portas se abrem aos mais novos. A revista, sendo da casa, e dirigida por pessoas que se conhecem inspira confiança e ao mesmo tempo motivação. Todos sabem que se trata de um campo aberto para dar a público o que se escreve, na certeza de que as coisas só existem verdadeiramente quando se conhecem.

Sendo testemunho e oportunidade a revista também é memória da vida colectiva e em certa medida da vida de cada um. Quem escreve dá a conhecer os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas acções, as suas histórias. Escrever é em certo modo viver à beira da intemporalidade. Por estes motivos uma escola sem revista é uma escola sem memória, pois se não se der a conhecer no presente ficará ignorada no futuro.

A revista é também necessária porque gera várias relações.

Antes de mais é um factor de relação de cada pessoa consigo mesma. Ao olhar a revista cada autor sente um apelo continuado para que caminhe, para que produza, para que crie não de modo isolado, mas em participação. O trabalho em equipa é mais produtivo, embora guardando as diferenças pessoais. Uma sinfonia não exige a uniformidade, mas o fazer bem aquilo que se deve fazer bem. Agindo com os outros cada pessoa aprende a agir consigo mesma.

Ao escrever o autor vai entrar em diálogo com os outros colaboradores da revista e com eles cria novas relações de pensamento e até de convivência e amizade. Há uma profunda inter penetração de saberes diferentes, de novo

analisados e transmitidos e por isso reformulados. E nesta actividade de relações acentuadas reside a descoberta que cada um faz do saber dos outros que acaba também por ser um saborear da vida e do mundo. Foi isto que expressou Ionesco ao ser recebido na Academia Francesa quando disse: « A nossa arte de encontrar o mistério da vida reside no modo de se olhar, de olhar os outros, de olhar o mundo».

No entanto, esta relação vai estabelecer-se não só a entre pessoas, mas também entre as redes culturais, as instituições, as escolas com os mesmos interesses. Um dos maiores benefícios de ter uma revista está na possibilidade de estabelecer trocas com outras revistas, comparando o que se produz com o que se realiza de mais válido e actualizado.

Outra relação muito desejável deve estabelecer-se entre os próprios leitores. Por essa razão existem revistas que publicam as cartas dos leitores onde exprimem os sentimentos provocados pelos autores e as apreciações feitas por outros leitores sejam eles simples, médios ou especificamente preparados. O importante é que o leitor seja activo, desejoso de criar. Nada interessa o que seja negativo e por isso recusámos sempre o «homo lacrimans» detestado por Albert Camus ou a «barbárie interior» condenada por Jean-François Motte. No fundo, para que a revista tenha aceitação deve ser exigente e possuir real valor. Fazer uma revista é um trabalho árduo, constante, a que não deve faltar um grande optimismo e uma imensa confiança em si mesmo e nos outros. As exigências são enormes e as dificuldades permanentes.

### **Exigências e dificuldades**

A primeira característica de uma revista é a sua efemeridade. Está na essência das revistas a sua morte anunciada, por causa da sua temporalidade, da ambiguidade existencial que a determina. A revista não é o tempo que passa inerente ao jornal, nem o tempo que fica que caracteriza o livro. É um tempo

intermédio. Estando entre duas situações acaba por ter um estatuto que não está definido.

Talvez por isso poucas são as revistas que venceram o tempo. Algumas desapareceram mesmo rapidamente, apesar de alguns números terem ficado como marcos de inovação e saber. Damos alguns exemplos mais significativos. Da célebre revista *Orphen*, fundada por Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e outros em 1915 só saíram três números. Da revista *Centaurro* só apareceu um número. Da *Athen* foram publicados cinco números. Já a conhecida revista *Presença* fundada por José Régio e João Gaspar Simões durou mais tempo, pois teve 54 números. Com vida efémera foram publicadas as revistas *Exílio Portugal Futurista*, *Revista Lusitana*, *Revista de Portugal*. Em algumas universidades portuguesas, revistas de várias especialidades como Direito, História, Filosofia acabaram depois de algum tempo de publicação, normalmente por razões políticas, económicas ou mesmo científicas.

A revista *ESEG Investigação*, tem-se mantido sem interrupção, por causa de apoios sem os quais a morte já teria acontecido. Para que tal milagre aconteça há que ter em conta a acção do director da ESEG, dos colaboradores e dos leitores.

A actual revista deve-se ao espírito empreendedor do Director da Escola Superior de Educação, Prof. Joaquim Brigas. Apesar de ter um grande sentido empresarial da escola, não se deixou dominar pelo material. Para o director a matéria é, como a palavra indica, a mãe da acção, mas não a dominadora da acção. Não procurou a mercantilização do conhecimento hoje tão apregoada. Tentou antes valorizar a investigação, estabelecendo uma profunda ligação entre a Escola e a cultura nas suas variadas modalidades. O importante é que a Escola seja produtora de sentido através das suas actividades, e constitua um poderoso meio de fortalecimento das estruturas culturais e científicas. Deste modo vai contribuir para que os académicos sobrevivam entre as ruínas do espírito. No entanto, esta força da direcção não seria produtiva sem a acção dos colaboradores.

O que faz o sucesso de uma revista é o trabalho dos colaboradores que devem dar testemunho de competência resultante de um conjunto de qualidades assinaláveis. Notemos antes de mais a sinceridade e a humildade. Tomo aqui as palavras no seu sentido original, isto é viver sem cera, sem máscaras e por outro lado ser húmus, terra cultivada e produtiva. Escrever é pois ser autêntico e activo, mas é também sujeitar-se a críticas sobretudo dos que nada fazem, ou simplesmente são fracassados. Crítico de cinema é muitas vezes o que nunca fez um filme, como o crítico de literatura é o que nunca foi capaz de escrever um livro. Triste é constatar que há pessoas que nunca publicaram um artigo na revista e não consta que o tenham feito em outras publicações. É por isso que quem escreve deve possuir uma boa dose de confiança e optimismo. Junte-se a tudo isto uma grande insatisfação e criatividade. É evidente que nada de bom poderá acontecer se não houver competência, saber e sobretudo esforço. A inspiração só é rentável quando houver transpiração. Nada se faz sem trabalho, muito trabalho. Denis Rougemont em *L'amour et l'Occident* recorda o dito de Vernet a propósito de um quadro que vendia e o comprador achava caro para o esforço exigido: «Sim, exigiu-me uma hora de trabalho, mas toda a vida para o fazer». Um texto não é só o que aparece visível, mas também o invisível, pois implicitamente surge como o resultado de um esforço continuado, de longos anos de sacrifícios. Notemos ainda que os autores não escrevem para si, mas para o leitor. Por este motivo uma revista só existirá se tiver leitores. E qual é o papel do leitor?

Já atrás chamámos a atenção para a responsabilidade do leitor. Compete ao leitor procurar o dito e o que ficou por dizer, delimitar o espaço, revitalizar as personagens, actualizar os tempos, analisar as ideias, fortalecer a mensagem. Uma vez escrito, o texto já não pertence ao autor, mas ao leitor que ao ler vai criar o seu próprio mundo. Como escrevia Voltaire «os livros mais belos são aqueles cujos leitores fazem a metade». Um outro tema de grande actualidade é a necessidade de as revistas serem altamente especializadas. Para que uma revista tenha real valor e aceitação científica é forçoso que foque temas bem específicos

e intimamente relacionados.. Uma revista que trata de tudo é uma revista que cientificamente não trata de coisa nenhuma. Qualquer artigo nela publicado não terá aceitação no mundo da ciência e da investigação.

Por estas razões é forçoso que haja uma certa homogeneidade de conteúdo e sendo possível, que haja mesmo números temáticos, com uma linha científica condutora. Sem saber específico não é possível valor científico. É bom recordar o célebre número da revista *Communications 8* com o sub-título *Analyse Structurale du Récit* (Paris, Seuil, 1966) e que ainda hoje permanece como uma referência. A causa do seu impacto e da sua vitalidade está na novidade que trouxe então aos estudos literários e linguísticos, sem esquecer a qualidade dos colaboradores que assinaram os respectivos artigos.

O interesse duma revista vem também de outros factores como a capacidade de pôr interrogações, de tentar o novo, de procurar o diferente. Uma revista tem que ser ousada, tem que procurar abrir novos caminhos, com exigência, apesar das dificuldades encontradas. Só pelo diferente é que se aprende, só pelo novo é que se caminha, sem nunca abdicar dos valores transmitidos pelos antepassados. De resto é bom recordar o ditado que diz: que só se caminha tendo um passo atrás e outro à frente.

Ora a revista *ESEG Investigação* deve primar por ter uma atitude de investigação séria, aprofundada. Não se pode alhear do ensino ministrado na Escola e da especificidade dos seus fins culturais e pedagógicos. Ao mesmo tempo deve valorizar os saberes do meio em que se insere, atendendo à cultura radicada num determinado território e vivida por um grupo de pessoas com experiências comuns. Sendo publicada na Beira Alta devemos ter presente que não tem espaço limitado, pois vive «à beira de», isto é, no não espaço, ou como a palavra significa, na utopia. É sempre bom recordar que o verdadeiro regional é o verdadeiro universal.

Os que escrevem são os mais insatisfeitos e sabem que na revista, como nos quadros mais belos, há sempre luzes e sombras, mas também sabem que o ser é

sempre melhor que o não ser.

Ao fazer estas considerações e ao deixar a orientação científica da revista resta-me expressar um agradecimento, formular um voto, anunciar uma certeza.

O meu agradecimento vai para o Prof. Joaquim Brigas, Director da Escola Superior da Educação, pela sua força e determinação, para a Dra Fátima Gonçalves pelo seu saber e disponibilidade, para os colaboradores com o seu esforço e dedicação. A revista é de todos e não é de ninguém.

O meu voto é que cada um se interrogue não sobre o que vai acontecer, mas sobre o que vai fazer pela revista., pois eu acredito que há muita gente capaz de realizar maravilhas. Parafraseando o que escreve Gide a propósito do livro diremos: «Quem se interessa pela revista é por si que se interessã».

A certeza que anuncio é esta. Embora afastado voluntariamente das responsabilidades científicas da revista não deixarei de dar o meu contributo sempre que for oportuno. Deste modo viverei em relação comigo e com os outros, alimentando permanentemente um sentimento de futuro, sabendo que, como diz o Papa Bento XVI, é «pela esperança que somos salvos».

*Júlio Pinheiro*



## Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa

Mário Meleiro

As preocupações estilísticas de Fernando Pessoa são de há muito conhecidas. A importância que dava ao estilo era tal que o levou a afirmar que “ninguém deveria deixar atrás de si vinte livros diferentes, salvo se for capaz de escrever como vinte homens diferentes”<sup>1</sup>. Ele soube transpersonalizar-se em vários homens, a quem incutiu, sobretudo a Ricardo Reis, um estilo muito *sui generis*.

Aquilino Ribeiro é extremamente pertinente a este propósito: “Imagino que o primeiro tentame de escritor nada deva exercer-se no sentido de dominar a palavra, que é como a greda para o estatuário, e o pano para o alfaiate. E nesta ordem de ideias, a sua aspiração será que o estilo se possa comparar à água da rocha, cristalino, levemente cantante, mexido, animado do movimento estupendo que tem a linfa a correr, e que dê apetite *bibendi*, isto é, segure o leitor digno do nome. O informe na redacção pertence à idade pré-histórica. Em literatura o *estilo* é como o álcool para os corpos embalsamados: conserva-a. Toda a literatura que resiste à corrosão do tempo deve-o ao estilo. Homero, Cícero, Shakespeare, Camões, Voltaire, Tolstoi foram grandes estilistas. Quer isto dizer que o estilo seja tudo em arte? De modo algum. Mas sem estilo nenhuma obra se salva”<sup>2</sup>.

Fernando Pessoa, que certamente Aquilino hoje acrescentaria a esta lista, embebeu, pois, a sua obra em álcool, consciente de que *é menos dono d’ella / Quem a fez do que o tempo em que perdura*<sup>3</sup>. Parece ser com Ricardo Reis que a sua lírica atinge

---

1 - (Pessoa, 1946b:258).

2 - (Ribeiro, s.d. [1941?]:8-9). Aquilino Ribeiro, *O servo de Deus e A casa roubada - novelas*, (Lisboa, s.d. [1941]) pp 8-9.

3 - (Pessoa, 1994a) ode 1a.12-13 e também 1b.12-13. Todas as referências às odes de Ricardo Reis serão feitas por esta edição.

uma maior harmonia ao nível da forma e do conteúdo, equilibrando os rasgos imparáveis e nervosos de um Álvaro de Campos, ou a escrita deliciosamente descuidada e livre de Alberto Caeiro. É justamente no contraponto com Caeiro que se verifica quão diferentes estilos emanavam da mesma pena. Alguns aspectos aproximam os dois poetas, como a natureza, a mediana, a consciência da fugacidade do tempo, o paganismo. Porém, a força ordenadora que Ricardo Reis concede à razão, integrando os fenómenos e as coisas “num certo ideal de medida e regras clássicas”<sup>4</sup>, distancia-o de Caeiro. Assim, ao estilo instintivo e descuidado do seu mestre Caeiro, responde Reis com uma forma elegante e cuidada, onde a sua concepção do mundo e da vida, puramente clássica, é expressa numa linguagem erudita e enformada por versos e estrofes que tanto nos lembram as odes de Horácio. Mesmo na disposição das palavras no enunciado, não se coibiu Ricardo Reis de infringir a norma e ofertar à nossa língua construções frásicas tipicamente latinas, não fora a poesia do vate latino um modelo permanente dos seus versos.

Ainda no que concerne ao estilo, nomeadamente à ortografia, com clara preferência pela etimológica em detrimento da que apelida de “nova”, também aqui Reis “contrastou com a sua época e arcaizou”<sup>5</sup>. No entanto, nem sempre se lhe tem respeitado esta vontade. Verifica-se isso mesmo na maioria das edições, talvez porque se dirijam ao ‘grande público’, e não a um público específico. É que se já o léxico se revela complexo e a sintaxe emaranhada para esse ‘grande público’, em nada ajudaria ao deleite da leitura mais um entrave, tal como a ortografia. A título meramente informativo, convém recordar que nem todas são edições críticas e referir que de entre a parca publicação em vida do autor se encontram vinte odes publicadas na revista *Athena*, constituindo o *Livro Primeiro*, e oito na *Presença*. Sobre o *Livro Primeiro* duas conclusões são obrigatórias, nem

---

4 - (Pessoa, 1966:350).

5 - (Bélkior, 1983:63).

sempre compreendidas pelos editores. A primeira é que, deliberadamente, Reis optou pela ortografia etimológica<sup>6</sup> e, a segunda, não teve em conta uma arrumação cronológica, mas sim temática. Ora parece ser aqui a grande falha, entre outras que conceituados críticos, como Jacinto do Prado Coelho e Silva Bêlkior já revelaram, da edição organizada por Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, publicada pela Ática em 1946, ao desmanchar este livro, optando por uma ordem cronológica. Todavia, a importância e o fomento que esta edição teve na divulgação das odes ricardianas, ninguém o pode negar.

Ao nível da temática as semelhanças são tais que, por vezes, ficamos com a sensação de que Reis traduz, o mais fielmente possível, o latim de Horácio. Se nos detivermos numa das mais conhecidas, a do *carpe diem*, facilmente se compreende esta afirmação ao ler nas suas odes expressões do tipo *colhe o dia* (ode 177.7-8) ou *gosemos o momento* (ode 34.9). Mas a incursão de Reis pela temática horaciana é muito mais abrangente. Atente-se só em alguns exemplos: A *aurea mediocritas* (*Carm.* II.10; II.18; III.16 e ode 4; 20; 68; 153; 156); a imortalidade pela poesia (*Carm.* I.1; III.30 e ode 1.1); a passagem inelutável do tempo, expressa pelo símbolo do rio<sup>7</sup> (*Carm.* I.11.7-8 e ode 40.10; 41.16); a brevidade da vida (*Carm.* I.4.15 e ode 8.1; 151.1; 187.2); o não querer desvendar o futuro (*Carm.* I.9.13 e ode 17.1-3); o regresso da Primavera (*Carm.* I.7 e IV.4 e ode 34.1-4).

No que respeita ao léxico, Ricardo Reis revitalizou inúmeros latinismos já com tradição literária desde Camões e, sobretudo, nos poetas do século XVIII.

---

6 - Se tal não se verificou nas odes publicadas na *Presença* é porque Pessoa não achava bem que numa revista houvesse desacordo ortográfico: "Tiz o possível por transcrever o poema que vai junto em ortografia moderna, visto que é a que vocês usam na *Presença*, e fica sempre mal o desacordo ortográfico adentro de uma publicação qualquer. (...) V. fica, desde já autorizado em absoluto a reortografar como melhor lhe parecer ou convier o que eu enviar para aí", (Pessoa, 1999c: 224-225).

7 - Este tema vem já abordado em Heraclito: "para quem se banha no mesmo rio, outras são as águas" (frg 12 Diels) e também em Platão: "não se pode entrar duas vezes no mesmo rio" (*Platão, Crátilo*: 420a). As traduções são retiradas de Pereira (1998: 269).

Mas foi mais longe. Conhecedor exímio da Língua e Literatura Latinas<sup>8</sup>, adaptou à língua portuguesa, alguns pela primeira vez, tanto quanto me foi possível apurar, muitos termos latinos, cuja expressividade é inegável. Estou a falar de palavras como *heptápila*, *beracleu*, *ogígia*, *gestal*, *hausta*, *indos*, *labento*, *marcenda*, *mutada*, *senescer*, *vólucra*, *volúteis*, ainda sem registo nos dicionários de língua portuguesa.

Também relativamente à sintaxe apresenta Reis um estilo rebuscado. À linearidade que caracteriza a disposição dos termos na oração, prefere Reis a liberdade das construções latinas, tais como inversões e disjunções dos elementos concordantes. Esta forma elegante e, ao mesmo tempo, complexa de se exprimir, sempre com a perfeição no horizonte<sup>9</sup>, tem implicações, como não poderia deixar de ser, na ordem das palavras em Português. Tal procedimento tem-lhe custado tão só o afastamento de muitos leitores.

Esta distribuição das palavras no verso tem uma clara influência da frase latina, ou da sua construção típica. Com vista ao levantamento de algumas características de estilo de Reis, importa referir alguns aspectos da ordem das palavras em Latim, para melhor se compreender a sua utilização em português. Assim, é comum dizer-se que a ordem das palavras em Latim não é fixa nem obrigatória. Apenas podemos dizer que há um conjunto de tendências que nos dão a ideia de que a frase latina tem um arranjo típico. Na verdade, a ordem é livre e isto é muito importante, pois, permite aos autores servir-se desta liberdade para afirmar um estilo próprio, para destacar ou desvalorizar determinada ideia ou expressão.

---

8 - Vale a pena lembrar que se na caracterização de Ricardo Reis, Pessoa diz que ele é médico (Pessoa, 1999c: 344), também num manuscrito de Alberto Caeiro se lê: “O Sr. Dr. Ricardo Reis é professor de Latim (humanidades) num importante colégio americano” (Pessoa, 1966: 333).

9 - Não é por acaso que as odes de Reis são as composições que mais variantes apresentam. O próprio Fernando Pessoa assume esta característica e confessa a Armando Côrtes-Rodrigues que nos últimos dias só escreveu uma ode de Ricardo Reis “e essa inimendadamente” (Pessoa, 1999b: 124).

Um dos procedimentos habituais ou tendências na organização da frase em Latim que se destaca é a colocação do verbo no final da frase. Este é, porventura, o procedimento mais usual e a haver alguma regra na disposição da frase latina seria esta.

Ricardo Reis brinda-nos frequentemente com este tipo de construção latina. Atente-se só em dois exemplos:

*Não porque os deuses finduram, alva Lídia, choro...*  
ode 54, v.1.

*Assim em cada lago a lua toda  
brilha, porque alta vive.*  
ode28, vv.5 e 6.

É comumente sabido e aceite que há lugares de destaque na frase latina, sobretudo o início e o final. O posicionamento de determinadas palavras nesses lugares estratégicos reforçam a ideia que se pretende transmitir e atrai a atenção do leitor para determinados conceitos que se querem destacar. Esta situação pode-se verificar nos primeiros 4 versos da ode 2. Ricardo Reis pretende sublinhar a fugacidade do tempo presente, a efemeridade da beleza:

*As rosas, amo dos jardins de Adónis,  
essas volucres amo, Lydia, rosas,  
que em o dia em que nascem  
em esse dia morrem.*  
ode 2, vv.1-4.

Porém, em Ricardo Reis, a posição central na frase é não poucas vezes privilegiada. Tome-se como exemplo os versos 1 e 6 da ode 4, onde o sujeito ocupa essa posição central:

*Não consentem os deuses mais que a vida.*  
(...)  
*Ei, enquanto bate o sangue em nossas fontes,*  
ode 4, vv.1 e 6.

No primeiro verso, a palavra *deuses* aparece destacada pelo facto de ocupar a posição central e é à sua volta que a frase gira: de um lado, o poder de decisão (“não consentem”), do outro, o objecto sobre o qual recai essa decisão (“a vida”). Além disso, a colocação de “*deuses*”, em posição central, permite que o acento recaia na 6ª sílaba (verso heróico).

Geralmente, as orações subordinadas colocam-se antes da oração principal. É assim na prosa, é assim também na poesia. Ricardo Reis tem alguns exemplos deste *modus faciendi*. Veja-se um dos exemplos mais ilustrativos:

*A flor que és, não a que dás, eu quero*  
ode 12, v.1.

Quanto à utilização do grupo adjectivo-nome em Latim, a anteposição do adjectivo ligava-o de forma mais estreita, mais imediata ao nome que qualificava, enquanto que a sua posposição o ligava ao nome através de uma determinada circunstância, havendo uma certa autonomia dos dois termos. Também o Português recorre a esta prática em que o adjectivo posposto tem mais um sentido concreto e objectivo (uma obra grande), enquanto o adjectivo anteposto ao nome tem, normalmente, um sentido abstracto e subjectivo (uma grande obra). Ricardo Reis tem uma perfeita noção destas subtilidades e joga com elas:

*Seguro assento na coluna firme*  
*dos versos em que fico.*  
ode 1, vv.1 e 2.

É importante a posição destes dois adjectivos face aos respectivos nomes, tanto mais que eles são quase sinónimos, podendo mesmo aparecer “seguro assento” ou “firme assento”; “coluna firme” ou “coluna segura”.

Como nota Rodrigues Lapa, “o poeta (...) tem tendência para pôr o adjectivo antes do substantivo. É um processo lírico.” Assim, o prosador “vê sobretudo com os olhos da cabeça” e o poeta “vê sobretudo com os olhos do coração”<sup>10</sup>. Ora, Ricardo Reis privilegia a anteposição do adjectivo ao nome, conferindo-lhe uma carga afectiva, emocional e sentimental própria da poesia; à prosa convirá mais a função descritiva do adjectivo quando colocado depois do nome. A título de exemplo vejamos as ocorrências destes dois grupos na ode 3:

*O mar jaz; gemem em segredo os vento  
Em Éolo cativos;  
Só com as pontas do tridente as vastas  
Águas franze Netuno;  
E a praia é alva e cheia de pequenos  
Brilhos sob o sol claro.  
Inutilmente parecemos grandes.  
Nada, no alheio mundo,  
Nossa vista grandexa reconhece  
Ou com razão nos serve.  
Se aqui de um manso mar meu fundo indicio  
Três ondas o apagam,  
Que me fará o mar que na atra praia  
Ecoa de Saturno?*

A sequência nome-adjectivo só aparece uma vez : “sol claro”, v.6. A sequência adjectivo-nome aparece cinco vezes: “vastas águas”, vv.3-4; “alheio mundo”, v.8; “manso mar”, v.11; “fundo indicio”, v.11; “atra praia”, v.13.

No que diz respeito à utilização de alguns recursos estilísticos que se referem

---

10 - Lapa (1984: 141).

à ordem das palavras, eles vêm de facto contrariar a sintaxe típica da oração em português, em que os termos se dispõem segundo uma ordem mais ou menos fixa: sujeito, predicado e complementos. É a necessidade de dar realce a um determinado termo que obriga a inverter a ordem normal das palavras para tornar mais expressiva uma determinada ideia, expressão ou palavra.

Numa análise sumária dos recursos estilísticos que se referem à ordem das palavras, siga fundamentalmente Lausberg, apenas serão abordados a anástrofe, o hipérbato e a sínquise.

**ANÁSTROFE:** “é a mudança de posição de membros da frase que se sucedem”<sup>11</sup>. Estes membros podem ser o complemento directo quando anteposto ao verbo:

*As rosas amo dos jardins de Adónis*  
ode 2.1.

*Extranha a nós a natureza extensa*  
*Campos ondula, flores abre, frutos*  
*Córa, (...)*  
ode 119.13-15.

*A sorte inveja, Lydia. Emudeçamos.*  
ode 19.10.

o sujeito quando posposto ao verbo:

*Que, quando é alto e regio o pensamento*  
ode 7.4.

---

11 - (Lausberg, 1993: 204).

ou o complemento do nome, antecedendo o seu núcleo:

*E aos ouvido me sobe  
Dos juncos o ruído  
ode 8.7-8.*

HIPÉRBATO “é a separação de duas palavras que sintacticamente estão em íntima ligação, por meio da interposição de um membro da frase (monossilábico ou polissilábico) que não pertencia àquele lugar”<sup>12</sup>. Alguns exemplos:

*Assim os denses esta nossa regem  
Mortal e imortal vida  
ode 1a.17-18.*

*Tuas, não minhas, teço estas grinaldas  
ode 16.1*

SÍNQUISE: “é o caos da sequência vocabular na frase, o qual se provoca por meio do emprego (frequentemente repetido) da anástrofe e do hipérbato”<sup>13</sup>.

*As rosas, amo dos jardins de Adónis,  
Essas volucres amo, Lydiã, rosas,  
ode 2.1-2.*

*Morre a obra a vida nossa,  
ode 1a.14.*

*Não tenhamos melhor conhecimento  
Do que nos coube que de que nos coube.  
ode 95.9-10.*

---

12 - (Lausberg, 1993: 205).

13 - (Lausberg, 1993: 206).

Relativamente ao ritmo e à métrica que Ricardo Reis utiliza nas suas odes também este provoca alguma alteração da ordem das palavras no enunciado, ou no verso, para ser mais preciso. Quer no ritmo, quer na métrica, é visível uma preferência pelo hexassílabo e decassílabo, utilizados muitas vezes em conjunto.

Ora, sendo o hexassílabo de acentuação incerta (1ª a 4ª), resta-nos, pois, o decassílabo para provar que a ordem das palavras pode ser alterada pelos seus ritmos. Ritmos, porque, como é sabido, o decassílabo pode ser acentuado na 6ª e 10ª sílabas (decassílabo heróico) ou na 4ª e 8ª e 10ª (decassílabo sáfico).

Vejam os seguintes exemplos. Se analisarmos, do ponto de vista métrico, o verso 9 da ode 3, *Nossa vista grandeza reconhece*, verificamos que, de facto, ele é um decassílabo heróico:

Nos/sa / vis/ta / gran/**de**/za / re/co/**nhe**/ce

Porém, isto só é possível porque houve uma anástrofe do complemento directo, desrespeitando a sua posição normal que seria a seguir ao verbo, ou seja: [Nossa vista reconhece grandeza].

No entanto, ao analisar o verso com as palavras numa ordem dita normal em Português, verifica-se que ele não se encaixa em nenhum esquema rimático, nem heróico, nem sáfico, uma vez que as sílabas tónicas se encontram na 3ª e 7ª:

[Nos/sa / **vis**/ta / re/co/**nhe**/ce / gran/**de**/za]

Outro exemplo, de entre muitos, agora com outro ritmo, é o verso 1 da ode 3, que se repete na ode 47, *O mar jaz. Gemem em segredo os ventos*:

O / mar / jaz; / **ge**/mem / em / se/**gre**/do os / **ven**/tos

Verificamos que ele é um decassílabo sáfico, acentuado na 4ª e 8ª e 10ª sílabas. Mas, mais uma vez, isto só é possível porque ocorre uma anástrofe com o sujeito da segunda frase, que é deslocado para o final do verso. Sem esta alteração da ordem das palavras o verso ficaria [O mar jaz. Os ventos gemem em segredo], o que daria:

[O / mar / jaz; / os / ven/tos / ge/mem / em / se/gre/do]

Mais uma vez se verifica que este verso não se encaixa em nenhum esquema rimático, uma vez que as sílabas tónicas se encontram na 3ª, 5ª e 7ª.

Sobre os heterónimos de Pessoa, escreve M. H. Rocha Pereira: “é Ricardo Reis o que tem recebido menor atenção e maior incompreensão da crítica. Nem admira que assim seja. Ele decanta nas suas odes toda uma tradição cultural riquíssima, que lhe fora instilada pela sua escolaridade britânica e completada com muitas leituras e meditações, de que apontamentos inúmeros vindos da sua arca vão dando testemunho renovado. Assim, os seus poemas resultaram de um diálogo interior entre o passado e o presente, expresso numa forma a que arcaísmos lexicais, latinismos e até helenismos, uma sintaxe latinizante, com uso repetido do hipébaton e da elipse e outras figuras de estilo, deram um distanciamento voluntário que os tornam de mais difícil apreensão ao leitor moderno”<sup>14</sup>.

Para quem possua um conhecimento, ainda que superficial, do panorama da literatura portuguesa, o nome de Ricardo Reis surgirá, então, como um dos que mais fielmente interpretou e trasladou, para a nossa poesia, a forma e o conteúdo dos poetas latinos, nomeadamente o de Horácio.

---

14 - (Pereira, 1988: 261).

## Referências

- Bélgior, Silva (1983). *Fernando Pessoa – Ricardo Reis: Os originais, as edições, o cânone das odes*. Lisboa: INCM.
- Coelho, Jacinto do Prado (<sup>1</sup>1998). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo.
- Décio, João, “O Heterónimo Ricardo Reis”, *Didáctica* 5-6 (1969) 189-193.
- Horatius (<sup>1</sup>1995) *Opera*. Ed. D. R. Shackleton Bailey. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stutgardiae in aedibus B.G. Teubneri.
- Jabouille, Victor, “Poesia, tradição e mitologia. Aspectos do classicismo de Ricardo Reis”, *Euphrosyne* XVII (1939) 327-340.
- Lapa, Manuel Rodrigues (<sup>1</sup>1984). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Lausberg, Heinrich (<sup>1</sup>1993). *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Gulbenkian.
- Lemos, Fernando (1993). *Fernando Pessoa e a Nova Métrica*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- (1986) “Contributo para a leitura de *Odes* de Ricardo Reis: da *Aura Mediocritas* à auto-afirmação”, *Euphrosyne* XIV, 165-173.
- Mendes, João, “Fernando Pessoa e seus Heterónimos”, *Broteria* 47 (1948) 328-348.
- Pavão, J. Almeida, “O Classicismo de Ricardo Reis”, *Euphrosyne* V (1972) 529-545.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (1972). *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- (1988). *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: INCM.
- (<sup>1</sup>1998). *Estudos de História de Cultura Clássica, vol. I – Cultura Grega*. Lisboa: Gulbenkian.
- Pessoa, Fernando (1946a). *Odes de Ricardo Reis*, edição de Luis Montalvor e João Gaspar Simões. Lisboa: Ática.
- (1946b). *Páginas de Doutrina Estética*, selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Editorial Inquérito.
- (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- (1994a). *Poemas de Ricardo Reis*, edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: INCM.
- (<sup>1</sup>1994b). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- (1999b). *Correspondência 1905-1922*, edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio e Alvim.
- (1999c). *Correspondência 1923-1935*, edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio e Alvim.
- (2003). *Prosa*, edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Seixo, Maria Alzira, “Aforismo e temporalidade na Lírica de Ricardo Reis”, *Cadernos de Literatura* 21 (1985) 23-32.